

Banqueiros crêem num futuro melhor a curto prazo

Os banqueiros nacionais dividem suas posições entre o otimismo — sem exageros — e a vigilância. Seu representante no CMN, José Carlos Moraes de Abreu, acha que a curto prazo o Brasil vai superar seus principais problemas sem maiores dificuldades: “Conseguimos mais 85% de recursos para o balanço de pagamentos e a inflação parece sob controle.”

Já o presidente da Febraban — Federação dos Bancos, Pedro Conde, aconselha constante vigilância, pois é evidente que “no panorama conturbado em que o país se insere dispomos de estreita margem de manobra, o que ameaça todo o esquema montado pelo Governo. Torna-se necessário fazer ajustes constantes, seguindo as variações da economia externa”. (Página 15)

O Ministro Delfim Netto explica neste desenho de próprio punho, por que não precisará recorrer a uma recessão para ajustar a economia em 1983: 1) No final deste ano, ele espera obter um superávit de 1 bilhão de dólares, situação bem diferente do final de 1980 (déficit de 2 bilhões 400 milhões de dólares), o que permitirá uma “alavancagem” do produto muito mais tranqüila; 2) Nas linhas de baixo, ele anotou a desaceleração progressiva do déficit público em relação ao produto, que caiu de 8% em 1979 para 4 a 5% este ano. Segundo suas estimativas, ele será de apenas 2,5% em 1983, em função da transferência de 1 trilhão 300 bilhões de cruzeiros do orçamento fiscal para o orçamento monetário. Jogando com essas duas hipóteses, Delfim espera repetir, no ano que vem, a mesma política monetária deste: uma expansão da moeda em torno de 75%.